



CARRO PASSA PELO PILOTIS DO BLOCO B DA SQS 106: ACESSO A VAGAS PÚBLICAS É RESTRITO A MORADORES



NO BLOCO E DA 108 SUL, UMA CANCELHA ELETRÔNICA CONTROLA O ACESSO AO ESTACIONAMENTO COLETIVO

Estacionamentos privatizados

RAPHAEL VELEDA

DA EQUIPE DO CORREIO

Há 52 anos, o urbanista Lucio Costa venceu uma disputada concorrência pública. E escreveu seu nome na história ao ter o projeto escolhido pelo governo de Juscelino Kubitschek para a ambiciosa construção da nova capital no centro do país. Venceu porque desenvolveu um conceito igualitário que agradou muito a JK, o de uma cidade que privilegiasse os espaços públicos, que se doasse igualmente para todos. No entanto, às vésperas de Brasília completar 49 anos, alguns moradores se sentem donos daquilo que é de todos e cercam estacionamentos públicos no Plano Piloto. Em algumas superquadras, portões, cancelas e correntes agredem o projeto urbanístico reconhecido mundialmente como patrimônio cultural.

A privatização do espaço público acontece em quadras da Asa Sul, calcada em uma particularidade de alguns blocos residenciais do Plano Piloto: o acesso ao estacionamento por baixo do pilotis dos prédios. Escondendo-se atrás de justificativas como segurança ou com o objetivo de destinar mais vagas aos moradores, muitos condomínios resolveram cercar as vagas que deveriam servir a todos.

Na 206 Sul, um detalhe do projeto dos blocos facilita a irregularidade. Todos os prédios da quadra possuem estacionamentos cobertos grudados ao pilotis. São puxadinhos que foram previstos na época da construção da cidade. Hoje, o acesso ao estacionamento público de blocos como o A e o J se dá por dentro dessas garagens — por onde só é permitida a passagem de moradores. "A garagem é propriedade particular e não há outro acesso. Se quiser, o GDF pode construir uma rua pelo lado do



ÀS 18H, ESTACIONAMENTO NO BLOCO E DA 206 SUL É FECHADO: SÓ MORADORES

prédio", esquiva-se o síndico do Bloco A, José Geraldo Ponte Pierre. "Nós não privatizamos o estacionamento. Ele é usado apenas por moradores por um erro de projeto da quadra. Hoje, quem quiser estacionar lá, que passe por cima da grama", completou ainda.

Uma robusta cerca-viva plantada pelo condomínio, entretanto, impede qualquer acesso mesmo que o motorista cometa a infração sugerida por Pierre. No Bloco J, onde a situação é quase igual, não há sequer um acesso às vagas públicas. Para chegar a elas, os carros dos moradores passam pela garagem privada, pelo pilotis e seguem por cima de pedaços de concreto colocados na área verde.

Na mesma quadra, um largo estacionamento simplesmente não existe mais. Construído entre o prédio que abriga os blocos G e H e o prédio do Bloco K, o espaço virou uma enorme praça de concreto. "Foi o Bloco G que fechou há mais de 10 anos. A entrada nem passava pelo estacionamento deles, só por baixo do pilotis", conta a síndica do G, Alba Alves. "Já pedimos várias vezes a eles que abrissem, mas não querem. Também pedimos à Administração de

Brasília, mas sem resposta", completa ela, que vê pouquíssimas vagas públicas que possam ser usadas perto do bloco. "E nosso estacionamento privado não comporta nem os moradores."

Nos blocos E e B da 206, não é necessário passar pelo estacionamento privado para chegar ao público, mas enormes portões instalados no piso do pilotis cumprem o papel de restringir o acesso. Eles fechariam sómente no fim da tarde, segundo informações de um dos porteiros. "Lá pelas 18h, a gente fecha por causa da segurança", disse ele. "Além disso, aqui tem uns bares que enchem muito. Se deixar o portão aberto, é capaz de não sobrar vagas para os moradores", completa.

Estudo

A questão dos bares é apontada pelo chefe da divisão técnica do Instituto do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional (Iphan) no DF, Maurício Pinheiro, como um dos principais motivos para a resistência. "Já conversamos com moradores onde acontece esse cercamento do estacionamento e eles reclamam que há bares grandes

na entreada e que isso acaba com as vagas", relata ele. "Mas esse não é um argumento válido. O problema de vagas em Brasília é crônico e todo mundo sabe. Se isso fosse solução, todo mundo iria sair fechando estacionamentos públicos por aí", afirma ele, que está preparando um estudo para apresentar à Administração de Brasília com soluções para o problema. "Também não é bom para o tombamento do patrimônio que se passe de carro pelo pilotis. Vamos pedir ao governo que construa acessos", disse.

A entrada do estacionamento pelo pilotis, entretanto, não é motivo para que todos os condomínios desrespeitem a lei. Na 305 Sul, por exemplo, há vários casos e não há correntes em nenhum prédio. "Já teve em alguns, mas acho que as pessoas pensaram melhor e viram que não tinham esse direito", opina o professor Fábio Alves de Castro, 36 anos, morador da quadra. "Mas onde existe é há muitos anos, décadas até. E nunca se fez nada. Acho que a abertura dos estacionamentos públicos poderia fazer parte do calendário de comemorações pelos 50 anos de Brasília", sugere.

Fiscalização

A Agência de Fiscalização do DF (Agefis) prevê em seu cronograma para os próximos três meses operações de combate ao bloqueio de estacionamentos. O órgão garante que já notificou todos os condomínios da Asa Sul que cometem a irregularidade. Alguns já foram multados e receberam ordem para derrubar a construção que impede a passagem (a assessoria de comunicação não soube precisar quais). A multa padrão para esse tipo de situação é de R\$ 451, valor que dobra em caso de reincidência. Quem desrespeita a ordem de derrubada é obrigado a pagar os custos da operação.

Desculpas variadas

Na 106 Sul, uma intervenção chama a atenção logo no início da quadra. No Bloco B, o estacionamento público também fica depois da passagem pelo pilotis e quem não mora no local é impedido por uma cancelha eletrônica de parar o carro. Em cima do equipamento, uma placa informa que o acesso é restrito de acordo com a Lei Federal nº 4.591/64, que dispõe sobre a constituição de condomínios, mas que não fala a respeito de estacionamentos.

A síndica do bloco, Paula Starling, garante que a cancelha foi colocada para proteger crianças e idosos que moram nos apartamentos. "Tem uma boate na entreada e as pessoas chegam e saem daqui bêbadas, correndo", relata ela, que defende o direito do condomínio de impedir o acesso. "Tem que passar pelo pilotis e ele é nosso, não é público", afirma. No entanto, os chamados pilotis não são classificados como lotes, e sim projeções. Os condomínios não são donos dos terrenos, mas dos apartamentos (e das vagas nas garagens privadas). O pilotis foi pensado por Lucio Costa justamente para proporcionar visibilidade e permeabilidade total, isto é,

para que qualquer pessoa por ali possa passar. Ao pé da letra, até construções como salões de festa e bicicletários nos pilotis são proibidas — assim como qualquer tipo de cerca.

Em outra quadra, a 108 Sul, também há estacionamentos fechados. O Bloco E colocou uma cancelha eletrônica e ainda apelou para placas citando leis.

Além da nº 4.591/64, o condomínio citou ainda a Lei Federal nº 4.864/65, que cria medidas de estímulo à construção civil.

Já na 107 Sul, o Bloco A colocou uma corrente no acesso ao estacionamento. O porteiro do prédio é o responsável por restringir o acesso. A síndica, Regina Pedrosa de Oliveira, garante que não impede a entrada de não moradores. "A corrente é só para organizar", garante. "O estacionamento é pequeno e muita gente entra, para o carro nas calçadas e chega uma hora que impede a manobra de quem vai sair. A corrente é como um aviso de que está cheio", pondera. Quando a reportagem esteve no local, no entanto, havia vagas e mesmo assim a barreira estava levantada. "Foi porque o outro menino esqueceu", justificou o porteiro. (RV)

66
TEM QUE PASSAR
PELO PILOTIS E
ELE É NOSSO,
NÃO É PÚBLICO

Paula Starling,
síndica do Bloco B da 106 Sul

Regina Pedrosa de Oliveira, garante que não impede a entrada de não moradores. "A corrente é só para organizar", garante. "O estacionamento é pequeno e muita gente entra, para o carro nas calçadas e chega uma hora que impede a manobra de quem vai sair. A corrente é como um aviso de que está cheio", pondera. Quando a reportagem esteve no local, no entanto, havia vagas e mesmo assim a barreira estava levantada. "Foi porque o outro menino esqueceu", justificou o porteiro. (RV)